

DN QUIXOTE

de Angelo Agostini

Largo da Carioca n° 4 (Sobrado)



LITH. CABRAL, PIRES, & C. RIO



Visconde de Barbacena

O eminente diplomata brasileiro, que completou 100 annos, no dia 20 de Julho de 1902.

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1902

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4
SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL

ESTADOS

Anno. 25\$000 Anno... 30\$000

Semestre 14\$000 Semestre 16\$00

NUMERO AVULSO 1\$000

EXPEDIENTE

AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importancias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.

O ACRE

Torna-se cada vez mais grave a questão do Acre, pois cada vez mais augmenta a desfaçatez e traiçoeira perfidia da Bolivia.

O Sr. general Pando, o ganancioso presidente do ganancioso grupo de candilhos que explora aquella região dando-se o titulo de governo da Republica, ao mesmo que dava ao nosso governo as mais solemnes garantias de que rescindiria o contrato de arrendamento, empenhava-se junto ao Sr. Roosevelt para que os Estados Unidos intervissem na questão, obtendo do Brazil facilidades ao arrendamento.

Esse pedido alem de vergonhoso para quem o fazia era tão monstruoso por si proprio, que niagueu o tomou a serio.

Mas o poder dos prodigiosos syndicatos é tal, que ha poucos dias o representante da grande Republica de Washington,

nesta capital, declarou ao Sr. Dr. Olyntho Magalhães, ministro das Relações Exteriores que o seu governo não queria intervir na questão do Acre mas, « visto estarem capitães americanos interessados no assumpto », pedia amigavelmente ao Brazil que facilitasse o arrendamento.

Toda a gente vê que isso é a intervenção e que portanto a Bolivia obteve quanto pediu.

O Sr. Dr. Olyntho de Magalhães respondeu que não só não attenderia como não podia considerar *amigavel* semelhante pedido, attentatorio contra a dignidade e a integridade do Brazil.

Ahi está a que ponto chegamos. A inqualificavel operação boliviana conseguiu obter o apoio e o interesse do gigante americano, ao qual só podemos oppor o nosso direito.

E como na politica do mundo, principalmente quando se lida com potencias fortes, o direito nem sempre (nunca, talvez) é respeitado, talvez seja necessario appellar para o nosso brio e encarmos o negro futuro, dispostos a todos os sacrificios.

Porque no estado actual da questão, dadas todas as torpezas e traições de que é capaz o governo da Bolivia, dado a falta de escrupulo e o desprezo pelo direito dos fracos tão commum ás nações fortes, não é possivel calcular as consequencias.

ARTHUR AZEVEDO, criticando

Sempre é bom conversar um pouco com o publico, acerca dos cochilos dos colegas. E não ha nada como dizer a verdade, porque é a falta d'ella, que faz muita gente ver as cousas por um prisma opposto ao bom senso e á razão.

O distincto escriptor Sr. Arthur Azevedo disse a respeito do Alberto Nepomuceno o que não diria do... diabo.

Affirmar que o autor da Arthemis é muito capaz, não é cousa extraordinaria, todos sabem, que depois de se dedicar exclusivamente á arte musical, na Europa, elle voltou de lá artista notavel. Na Italia e na Allemanha estudou seriamente, com aproveitamento enorme.

E é isso exactamente que faz com que Arthur Azevedo entenda ser de má gosto dar-lhe a direcção do Instituto Nacional de Musica, substituindo Miguez que, com gran-

de pezar para todos os que amam a arte, falleceu ha poucos dias.

Arthur Azevedo preferiria ver na direcção do Instituto o Sr. Cortez ou o Sr. Duque Estrada Meyer. Não ha duvida que estes são muito bons musicos, mas ha, todavia, uma grande differença entre os que nunca sahiram do Brazil e Nepomuceno que recebeu as licções inestimaveis dos grandes centros da verdadeira arte.

Dizer que Nepomuceno não poderá mais compor por causa da papelada da directoria chega a ser um absurdo.

Porem o que mais interessante nos parece é que o distincto escriptor confesse que já conheceu uma excepção, um homem capaz de administrar, sem deixar de produzir.

Imaginavamos que se tratava de Rodolpho Bernardelli, seu amigo e compadre, que dirigindo proficientemente a Escola Nacional de Bellas Artes, desde 1890, nunca deixou de trabalhar na sua arte, enchendo as praças de estatuas. Acresce que os seus ultimos trabalhos, numerosos e importantes—estatuas equestres de Osorio e Caxias—estatuas de Alencar e Carlos Gomes, do afamado advogado Freitas e o grupo do 4º Centenario do Descobrimento do Brazil, sem contar varios bustos e monumentos para cemiterios,—tudo isso foi feito apezar da sua administração activa e dedicada, que acaba de conseguir a mudança da Escola para o edificio do antigo mercado da Gloria.

Pois não é de tudo isso que o Sr. Arthur Azevedo falla, nem cita o nome de Bernardelli, e falla de Machado d'Assis (!)

Sem fallar ao devido respeito ao illustre auctor do *Braz Cubas*, prestando homenagem ao seu talento e illustração, considerando-o um dos nossos melhores artistas da penna, parece-nos comtudo, que o exemplo é infeliz e caberia com maior justiça a Rodolpho Bernardelli; o maior esculptor da America, que tanto tem produzido, sem se descuidar de seus multiplos deveres na Escola Nacional de Bellas Artes.

E dizer-se que foi o Arthur!...

Parece incrivel!...

HYGIENE E AUTONOMIA

Sabem o que são? São duas entidades que existem mas são abstractas.

Materialmente não têm existência, os seus nomes encobrem, um uma convenção política e social, outro uma instituição científica.

Pois a luta d'essas duas entidades foi o que encheu estes ultimos dias, fez correr muita tinta e reboarem muitos discursos. O engraçado é que se tratando de duas entidades uma das quaes é convenção e outra instituição, uma é dispensavel (Pois não consta que até hoje ninguém morresse por falta de autonomia) e a outra indispensavel (porque sem hygiene não se vive) haja a luta e discussão.

A logica e o bom senso fazem suppor que uma deve ser indiscutivelmente preferida.

Mas, não. Ha muita gente que prefere a autonomia é a hygiene, e d'ahi o clamor contra o Dr. Campos Salles, que avocou ao seu governo federal, a hygiene do districto.

E olhem que a cousa dita assim, com este palavriado todo, ainda é cerimonia exagerada. Porque afinal quando se diz que o governo federal tomou a si a hygiene da cidade é o mesmo que dizer, que não tomou a si cousa alguma, porque hygiene foi cousa que nunca existiu no Rio.

Pois ainda assim ha quem grite que acima de tudo está a autonomia do districto.

Já é birra!

A cidade está cada vez mais desmoralizada no estrangeiro. Cada vez mais as epidemias flagellam os pobres habitantes, tudo isso exige uma acção energica e prompta, que o governo municipal não exerce nem pôde exercer. O presidente da Republica a vista d'um estado desesperado e d'essa urgencia terrivel resolveu tomar a conta do governo federal, esse serviço indispensavel e inadiavel.

E gritam!...

Pois, senhores, o que é por gosto regala a vida. Mas é preciso ter gosto estragado para querer uma cidade empestada uma cidade immunda, porem *autonomia*.

VISCONDE DE BARBACENA

A festa, realisada ha poucos dias na Escola Senador Correia, com o concurso do Instituto Historico, e a presença dos Srs. presidente da Republica, ministro do Exterior, arcebispo e outras elevadas perso-

nalidades, foi uma homenagem justa e comovedora a um brasileiro illustre, que completou cem annos de existencia, sempre dedicada ao serviço da patria e ás letras, chegando ao centenario em plena posse de todas as suas invejaveis faculdades, com vigor physico bastante para continuar, quotidianamente, a trabalhar, rodeado dos innumeros amigos que soube conquistar em sua vida prodigiosa.

Sua existencia é uma raridade e um exemplo. Uma raridade de longevidade, um exemplo de trabalho e patriotismo. O *D. Quixote* publicando o retrato do Sr. Visconde de Barbacena, junta as suas homenagens ás muitas, que lhe foram prestadas, no dia 20 do corrente.

Quanto á sua honrosa biographia já todos os jornaes a publicaram minuciosamente.

Uma circumstancia interessantissima na vida do venerando brasileiro.

Ha pouco tempo o actual governo lembrou o nome do visconde de Barbacena para a delegação especial em Londres, durante as festas da coroação de Eduardo VII e S. S. não aceitou. Mas se tal projecto se tivesse realisado, estabeleceria esta coincidência notavel: assistiria á coroação de Eduardo VII o mesmo brasileiro que assistiu, como addido de embaixada, á coroação de Jorge IV, e que assim entraria na corte ingleza com um intervalo de *oitenta e dois annos*, intervallo que, por si só, já é uma grande existencia humana, passados os reinados de Jorge IV, de Guilherme IV e da rainha Victoria.

EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUEZA

Está aberta, desde o dia 17 do corrente, no Lyceu de Artes e Officios a exposição de Arte Portugueza, organizada pelo Sr. Guilherme da Rosa, que veio de Lisboa especialmente para esse fim, trazendo grande collecção de obras dos mais apreciados pintores e escriptores de Portugal.

A inauguração foi feita com a presença do Sr. Presidente da Republica perante grande e escolhida concurrencia.

Compõe-se a exposição de 103 telas e faianças bellas e originaes, devidas ao talento robusto de Raphael Bordallo Pinheiro, trabalhos em prata, desenhos de architectura e artes applicadas á industria.

Sentimos não dispor de espaço para apreciar devidamente as obras expostas; contentar-nos-hemos pois com citar de passagem as pinturas de Malhõa, Souza Pinto, Columbano, as aquarellas de Casanova, o busto de Eça de Queiroz, feito por Bordallo, quadros de Vellozo Salgado, Galhardo, David de Mello. etc.

REJANE

O mez foi da Rejane, o seu nome encheu-o todo de um rumor festivo de palmas, illuminou-o com o fulgor do seu talento, de suas creações magnificas. Foi todo um mez de espectaculos raros, de salas cheias das mais elegantes Sras. e os mais cultos cavalheiros da elite fluminense.

Não temos espaço nem nos compete fazer a critica de seus trabalhos, tanto mais quanto viriamos tarde para essa tarefa. Mas seja-nos licito fallar sobre os jornaes que tinham o direito, o dever, o espaço e o tempo para apreciar a deliciosa actriz do *Vaudeville*.

Sobre esse assumpto a verdade, triste e nua é que quem não foi ver e ouvir Rejane no *Lyrico* não pôde fazer d'ella a menor ideia, por mais vaga que seja, pelo que disseram os jornaes.

Quasi todos os chronistas exgotaram thesouros de adjectivação, esmagaram o nome de Rejane sob uma catadupa de termos e figuras encomiasticas, manifestando a sua infinita e incondicional admiração, até por meio de dithyrambos apaixonados, apaixonadissimos, que se affastaram do terreno da Arte tanto quanto se approximavam do terreno sentimental.

Ora, para se fazer ideia do valor de uma artista, não basta saber que os criticos gostaram muito, muitissimo, muitissimmo. Arte não é dogma, não basta que o critico nos diga que é supinamente bom, é preciso explicar *porque* e *em que* é bom. E' essa a sua missão.

Disseram quasi todos, á uma, que Rejane não veio ao Rio de Janeiro para ser criticada e sim para ser admirada.

Ora, esta! Porque?! Será ella a unica artista a unica creatura neste mundo dotada da infabillidade infallivel?

A critica do Rio de Janeiro, annos airaz, foi a primeira a consagrar a gloria e o valor de Giovanni Emmanuel e depois d'ella a critica do mundo inteiro sustentou



Zé não ouvindo mais nem clamor de índios, nem a tal vozaria ecoar pelas matas, chamou bem alto pelos nomes de Inayá e Cham-Kam.



Não ouvindo resposta, imaginou que elles se haviam afastado muito, e chamou-os de novo com mais força ainda. Mas ninguém ninguém respondeu e ouviu-se apenas o eco que vinha da floresta repetindo: Inayá! Cham-Kam!



Zé ficou com medo. Ver-se só no meio da mata era horrível! Lembrando-se do morto tratou de enterrá-lo era satisfazendo assim o seu medo. Abriu uma cova, servindo do machado e de lenha que cortou, procurando fazer um buraco bem fundo.



Pensando melhor, Zé viu que tiraria mais proveito em ficar com o resto da roupa, do que mettê-la na cova com o defunto, a quem de nada serviria. E a infeliz vítima dos índios teve por sudário a camisa de meia e as ceroulas, com um lenço sobre o rosto



Feito o enterro e depois de uma pequena oração, Zé collocou pedaços de madeiras e pedras sobre o tumulo, plantando sobre tudo isso uma Cruz toscamente arranjada.



Depois fez o inventario do que deixara a pobre vítima e deu-se por muito satisfeito, ao se ver herdeiro de muita coisa que lhe fazia grande falta. A boa espingarda, o cartuchame e o revolver não eram para desprezar.



Depois de arranjar uma trouxa com a camisa, amarrando-a ao machado, collocou o revolver achado junto ao seu, e empunhando a espingarda poz-se a caminho e andou tanto, tanto...



que afinal cansou deveras! O somno, depois de tantos trabalhos fez-se sentir e apesar do receio de dormir, acabou ao lado de uma arvore mergulhado em profundo sono.



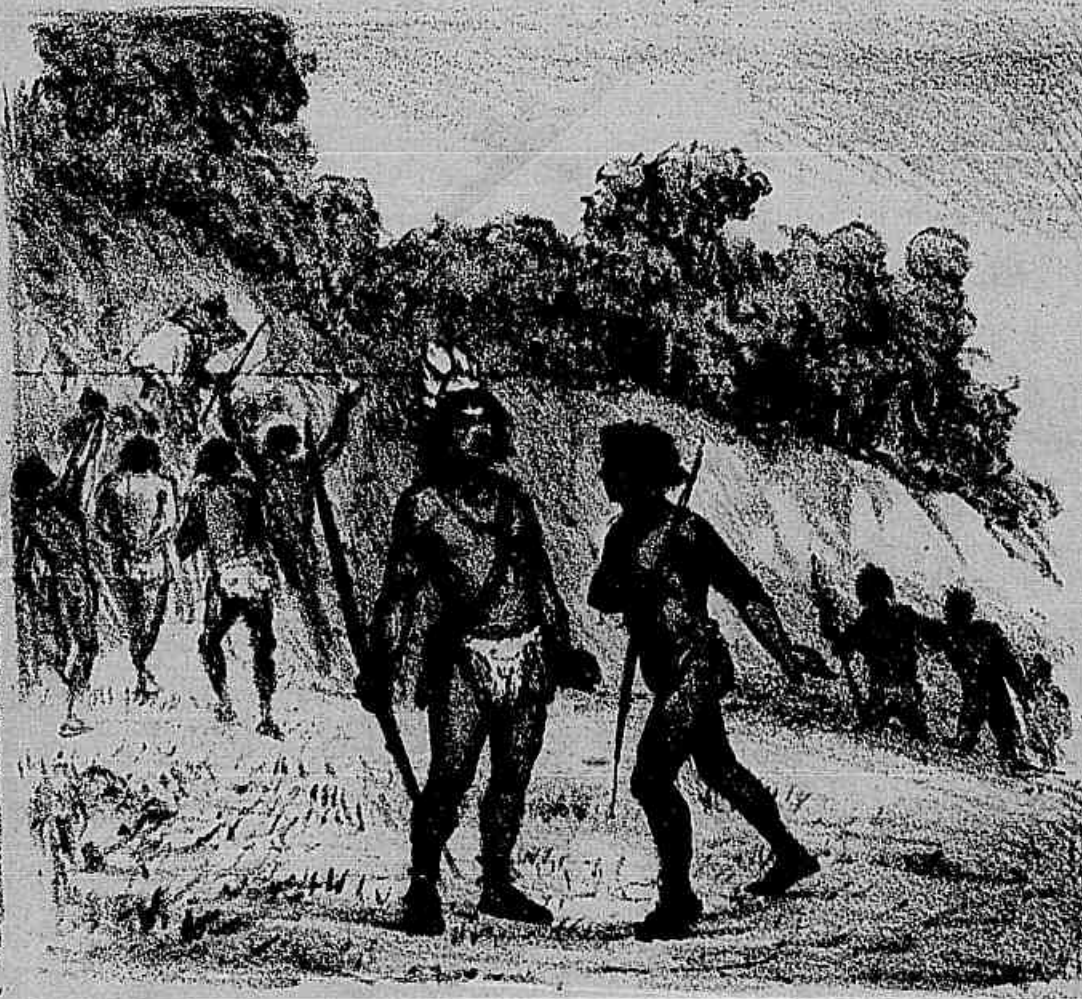
Voltemos a Inayá e Cham-Kam. Estes para que os índios não percebessem a sua presença foram se escondendo entre as arvores. Mal sabiam elles, que os selvagens já os haviam visto.



E de repente viram-se agarrados. Lutando ferozmente, não poupando golpes terríveis, mas não conseguem escapar. O chefe dos índios mandou que os não malassem.



Levados prisioneiros foram, através da floresta até o acampamento, que floava, alli perto.



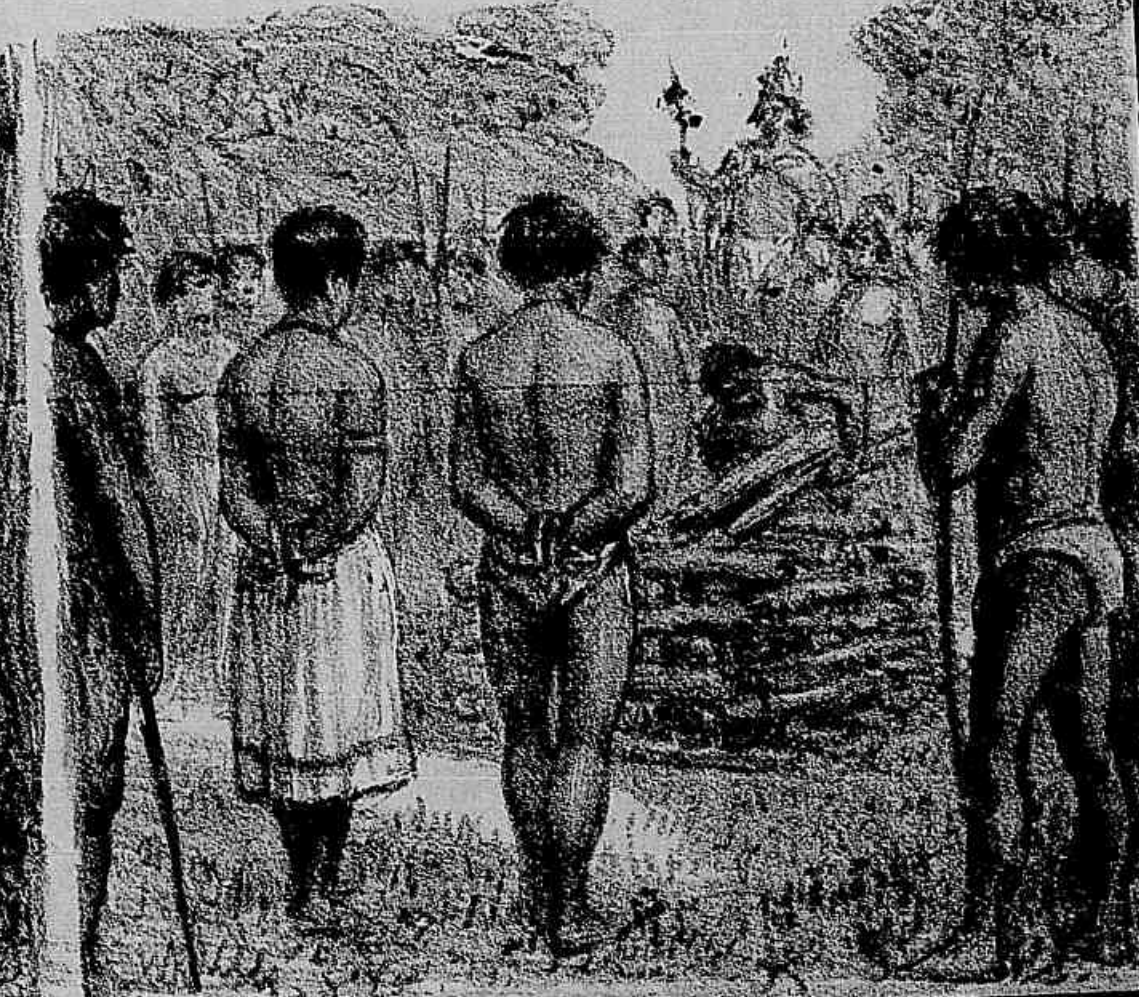
Pelo caminho o chefe soube que haviam morrido muitos índios e estavam outros feridos. Um dos que haviam escapado fallou de sujeito que atirara sobre elles, no momento em que perseguiram um homem branco



—Quero saber quem é esse homem que voces protegem, esses individuos matou outros. Mas Cham-Kam, calou-se sobre o Zé, Inayá fez o mesmo



Foram por isso condemnados ao supplicio. O cacique desconfiava de que elles sabiam tudo. Era preciso fazê-los falar, custasse o que custasse.



Preparou-se o fogo. Fizeram-se os preparativos para a tortura. Inayá e Cham-Kam não tinham duvida sobre a sorte que os esperava. Mas encararam o perigo corajosamente, resolvidos a nada dizer.

(Continua)

e corrobora esse juizo da imprensa fluminense, que tem criticado e sujeitado ao seu juizo: Novelli, Salvini, Rossi, Coquelin, Ristori, Sarah, a divina Duse, Jeanne Harding, Lucinda Simões (e porque não?) e outros artistas de valor raro.

Porque razão Rejane, e só Rejane, terá, no Brazil, esse privilegio unico de ser unicamente admirada e não criticada?

O amor da Arte deve ser lucido, nunca deve chegar ao fanatismo.

Disseram mais que Rejane é artista tão boa que não pôde ser criticada. Mas santo Deus! isso é confundir *criticar* com *censurar*. É um absurdo monstruoso.

Talvez julguem e, principalmente, talvez digam que é uma pretensão exorbitante da minha parte, um desejo de fazer escandalo, — uma cabotinagem — essa apreciação feita com desusada franqueza dos artigos e opiniões de alguns dos mais abalizados jornalistas brasileiros.

Em primeiro lugar, pouco me importa o que digam ou pensem. O meu intuito é dizer a verdade, tal como a imagino e sinto. Digo-a sinceramente e francamente.

Mesmo porque, por mais que respeite e admire qualquer dos luminares da nossa imprensa, nunca cheguei, nunca chegarei a imaginar que a qualquer d'elles devo admirar exclusivamente, em tudo e por tudo, sem reflectir, nem julgar, abdicando a minha consciencia.

Admiro-os, mas não nesse fetichismo pela Rejane (que tambem a mim me encanta) e lamento que em toda a imprensa da capital da Republica apenas dous jornalistas ou talvez dous... e 1/2 tenham encarado a creadora de *Zuzá*, com admiração que não excluiu a observação e o verdadeiro amor da Arte, que nos leva a julgar implacavelmente, collocando sempre acima das personalidades o ideal da Perfeição e da Verdade.

RENATO DE CASTRO.

NOTICIARIO

Ainda ha quem se lembre do caso da escarradeira?

Provalvemente não. Uma discussão parlamentar que chega as vias de factos e onde um deputado atira uma escarradeira sobre outro e sacca depois do bolso um punhal isso é cousa a mais simples que se pôde dar na... nossa terra.

Nós contentamo-nos em tomar nota d'essas duas novas armas de opposição e passamos adiante.

Os nossos visinhos orientaes andam assanhados como baratas em dia de chuva, por causa da politica. Os senadores fazem opposição ao presidente Cuestas e este, que não é homem que se atrapalhe com tão pouca cousa, manda-os metter no xadrez e deporta-os com a maior sem cerimonia d'este mundo.

Imaginem se elle tivesse por lá o Sr. Barata.

Lá pelo Estado do Rio o Sr. Quintino Bocayuva trata de pôr as causas nos eixos, cortando as exageradas despesas e pagando as ainda maiores dividas.

Todos os que neste paiz ainda possuem um atomo de senso commum approvam indiscutivelmente esta patriotica e benemerita iniciativa, mas a verdade é que se o venerando republicano, levar avante essa meritissima obra de regeneração financeira, pôde contar com a opposição feroz e os indefectíveis insultos, reservados sempre aos que se mettem a governar com juizo.

Ora muito bem! Um já está descoberto. Uns dos taes que d'aqui d'esta cidade mandam de vez em quando noticias alarmantes sobre epidemias e trabalham na sombra para desmoralisar, mais ainda, a cidade dos Sã, dando-lhe a fama horrenda de ante-câmara da Morte, *Moloch* insaciavel, que devora todos os estrangeiros.

É o Sr. Baldomero Carqueija Fuentes etc. etc. (o homenzinho tem tantos nomes que não é possível decorá-los). Esse Sr. é o correspondente do *Século* de Lisboa e do *Diario* de Buenos Ayres, os dous jornaes que noticiaram, ha poucos dias, que a encantadora Rejane estava gravemente enferma de febre amarella. Descoberta a marosca, esse boateiro de má morte tem jurado por todos os da *Galiza*, de Traz os Montes, do Chaco e de Cascadura, que elle santo não telegraphou tal cousa e sim apenas, que Rejane tivera uma nevralgia.

Ainda que se queira se acreditar na palavra d'esse, especie de Conle de Monte Christo, que tem tantos nomes, quantas nacionalidades, não deixaria de ser curiosa a circumstancia, de só deturparem os telegrammas os jornaes de que S. S. é corres-

pondente, ao passo que os outros noticiaram a verdade.

A esquadra chilena chegou á Bahia e ha oito dias toda a cidade de Cabral está em festa; cada qual a porfia procura rodear de mais carinho os marinheiros da irmã directa do Brazil, os filhos do glorioso Chile, correspondendo assim pallidamente ás inestimaveis provas de amizade com que o gigante do Pacifico tem distinguido a nossa patria.

Desde o governo da Bahia e as forças de exercito, até a multidão corrente dos estudantes, a mocidade de alma vibrante e pura, todos têm acolhido e festejado a marinha do Chile como se acolhe e festeja irmãos muito queridos, cuja galanteria, por muito que se faça, nunca se poderá alcançar.

A coroação do rei Eduardo VII foi marcada felizmente para muito mais breve do que esperavam os mais optimistas.

A' vista da transferencia feita a ultima hora e que obrigou os representantes das nações amigas a deixar Londres perdendo inutilmente todas as despesas, as festas da cerimonia não terão agora a imponencia e fausto que estavam preparados para o mez proximo passado.

Mas basta para satisfazer a alma ingleza e de todos os que apreciam esse rei tão popular, tão querido, essa felicidade tão pouco esperada tão rapida, esse restabelecimento apoz a terrivel enfermidade, que impediu a coroação no mez de Junho.

O illustrado Sr. Dr. Joaquim Nabuco nosso ministro em Londres reuniu no dia 23 do corrente nos salões da legação brasileira todo o corpo diplomatico acreditado na capital do Reino Unido, ministros e altas personalidades da politica ingleza, num sumptuoso banquete em homenagem aos representantes do Chili e da Argentina, em signal de regosijo pela assignatura do convenio que suspendeu os armamentos e estabeleceu a arbitragem para resolver todas as desintelligencias entre as duas grandes nações sul-americanas.

Foi uma festa encantadora e brilhantissima. É bom, é consolador, é digno de todos os louvores, de todos os orgulhos o espectáculo de uma nação sul americana,

uma das que mais tem feito pela paz e pelo direito reunindo em festa de concordia as suas irmãs da America do Sul que abandonaram o caminho errado do militarismo e da ameaça para entrar na senda da Razão e do Humanitarismo buscando a victoria no Direito e na Justiça.

E' honroso para as tres nações—para a America—esse espectáculo, a que assistiram respeitosos os representantes de todas as potencias europeas.

* * *

Depois de occupar varios dias lá se foi pela água abaixo o projecto de reforma eleitoral apresentado ao Congresso pelo Sr. Gonçalves Chaves.

Verdade, seja, que lá mesmo, naquela casa do Congresso,ninguem fez caso d'elle e o auctor discutiu sosinho, durante oito dias, diante das bancadas vazias. Os pais da patria não se interessaram pelo assumpto e é natural. Para que diabo poderá servir uma reforma eleitoral? Porque será ella necessaria? Porque as eleições, que se têm feito, não representam perfeitamente a vontade popular?

Ora, a vontade popular! Que tem os Srs. senadores com isso! Com as eleições, como se fazem, elles conseguiram ir para a rua do Areal ganhar 753 por dia, portanto está tudo muito bem e... deixa andar, corra o marfim!

Mas o caso é que foram perdidos longos dias com o projecto que afinal mandaram novamente para os abysmos das comissões, de onde não sahirá tão cedo.

Talvez, até, não saia nunca mais.

Requiescat in pace.

* * *

Em Sergipe as cousas estão feias.

Vai haver eleição presidencial estadual e desde já o governador e a opposição andam á unha. O padre Olympio, o popular governador, quer levar as cousas á antiga portugueza, mostrando que não é padre, não é nada, é homem, e homem como todos os diabos.

Os senadores protestaram e o Sr. Martinho Garcez, a proposito fez um discurso muito engraçado, que terminou pedindo ao Sr. presidente para intervir naquella embrolho, porem não pelos meios legais. (! ! !)

E esta! E é um legislador que faz semelhante pedido.

Mas o Sr. Dr. Campos Salles não cahiu no plano. Isso querem os da opposição para bradarem depois que S. Ex. sahiu fóra da lei.

THEATROS

Alem da Rejane, que occupou todos os espiritos, o movimento dos theatros foi animado.

No Apollo tivemos outro excellente *vaudeville*, *O filho sobrenatural* e um drama-malhão pantafaçado que o encantador poeta D. João da Camara não deveria ter escripto. Não porque esse trabalho o desmoralise ou diminua em cousa alguma o seu renome. Mas é que para os espectadores, para os admiradores de seu talento finissimo, de sua imaginação delicada, cheia de um mysticismo tão puro, tão encantador, foi uma desagradavel surpresa encontrar na *Rosa enfeitada* um melodrama formidavel em que a personalidade do auctor da *Triste Viúva* apenas transparece em uma outra imagem linda, perdido no amontoado de assassinatos, gritos e scenas violentas do drama.

Emfim a peça sempre para sempre dar a Sra. Angela Pinto um papel bastante falso e desigual mas onde ella encontrou scenas fortes para dar prodigiosas revelações de seu raro e brilhante talento.

* * *

No *Recreio* não houve, preparam novidades.

Está annuciado para hoje o drama de Echegaray *João José* em que o Sr. Ferreira tem importante trabalho e para o dia 31 annunciaram uma traducção da *Bohème* feita pelo nosso distincto collega de imprensa Machado Corrêa.

* * *

Sentimos não poder elogiar a nova revista do anno, que o distincto comediographo Arthur Azevedo, escreveu para o *Theatro Lucinda*, com o pouco suggestivo titulo «Comeu!»

A peça parece ter sido escripta de uma maneira forçada, para aproveitar os poucos recursos da empresa Silva Pinto, que a poz em scena, juntando todos os scenarios velhos de que podia dispor.

Tudo isso foi naturalmente resultado do excellente coração do Arthur, que quiz

auxiliar aquelle grupo de artistas e sacrifico o seu nome á amizade que o liga aos actores, prestando-se a fazer obra apressada e arranjada a martello, para dar uma revista.

* * *

No S. Pedro estão trabalhando actualmente o Sr. e a Sra. Watry, prestidigitadores e illusionistas de primeira ordem, que tem alcançado grande exito, com as suas sortes variadas, que são todas feitas com limpeza e graça.

Alem dos trabalhos a prestidigitação propriamente dita, que são multiplos e perfectos, o Sr. e a Sra. Watry apresentam quadros especiaes constando da *mala moscovita*, a *Camara Amarella*, a *mulher voadora* e outras, que produzem excellente impressão pela rapidez com que são executados.

* * *

Os cafés concertos continuam a ter excellente concurrencia, constituindo agradaveis pontos de diversões. Todos tem martido elenco e repertorio grande, variando muito os programmas.

Entre todos, a *Guarda Velha* e principalmente o *Cassino Nacional* tem a primazia perante o publico; este ultimo com o seu contracto com o cassino de Buenos Ayres, apresenta constantemente artistas novos, alguns dos quaes excellentes.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

Ferreira Vianna. Nova publicação do nosso collega de imprensa Ernesto Sena.

E' um livro encantador em que a biographia do notavel estadista, que tanto se distinguiu no passado regimem, é contada em linguagem elegante por Ernesto Sena, que a acompanhou por dever jornalístico em seus momentos mais agitados e brilhantes.

Como de costume o apreciado jornalista, habil *conteur* justou ao texto copiosa parte anedoctica, interessantissima.

Illustra o volume um excellente retrato do Sr. Ferreira Vianna.

— *A Capital Paulista*. numero especial de anniversario, com varios desenhos leves e texto excellente, como do costume.

— *A Universal*, que continua caprichosamente feita com variedade e gosto.



Rejane.

A grande artista franceza, que enthusiasinou o publico, e fanatisou a critica do Rio de Janeiro!.